

## O papel do professor e da universidade na formação do cidadão crítico através do letramento acadêmico

Luiz Marcelo Viegas<sup>1</sup>

“O compromisso do professor, particularmente no nível da educação superior, é com o desenvolvimento da autonomia do estudante nas dimensões intelectual, pessoal, emocional, social, profissional, cultural e política.” (PEREIRA, 2014).

Observamos, nos últimos anos, o incremento no número de brasileiros e brasileiras que conquistaram o sonho do ingresso em uma universidade, seja ela pública ou privada<sup>2</sup>. Fruto de políticas públicas de Estado, esse crescimento deixou clara a necessidade de professores do ensino superior abordarem de forma mais assertiva e didática a questão do letramento acadêmico, uma vez que, como demonstra Maristela Juchum (2014) em seu estudo sobre a escrita na universidade, pesquisas realizadas entre estudantes calouros mostraram que estes têm grande dificuldade na produção de gêneros acadêmicos como a resenha, o resumo e os relatórios. Juliana Alves Assis (2014), em seu artigo sobre as representações observadas sobre os textos acadêmico-científicos produzidos por alunos de um curso de Letras, também observa que surgem obstáculos quando os estudantes são instados a ler e a produzir textos com características próprias desse ambiente.

Porém é imperativo que se destaque que os problemas identificados nessas pesquisas não significam que os alunos não tiveram contato com leitura e escrita durante o ensino médio. Elas mostram o que parece óbvio: na educação básica, os estudantes não lidaram com gêneros acadêmico-científicos típicos do ensino superior. Assim, como nos aponta Adriana Fisher (2010, p. 223), em texto que aborda as relações entre a esfera escolar e a acadêmica, “o que conta como letramento na vida desses alunos precisa ser considerado, (re)visitado, em especial pelos professores, para que se questione, valorize, apoie, expanda o que é singular e/ou comum a esses sujeitos”.

Eliane Feitosa Oliveira (2017) apresenta, no artigo sobre história de letramento e expectativas em torno das práticas de escrita do curso de Letras, o relato de uma aluna do 2º período de uma universidade privada, da cidade de São Paulo, que acreditava que o “conhecimento que ela tinha sobre a escrita, construído em contextos primários e secundários

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração e graduando em História, ambos pela PUC Minas; aluno do curso de Especialização em História Antiga e Medieval (CEHAM) na UERJ. E-mail: [luizmarceloviegas@hotmail.com](mailto:luizmarceloviegas@hotmail.com)

<sup>2</sup> Segundo dados da Associação Brasileira de Estágios (ABRES), de 2002 a 2018, o número de alunos no ensino superior passou de 3,5 para 8,4 milhões.

de socialização e escolarização, não era suficiente para que se engajasse de modo imediato nas práticas escriturais do domínio acadêmico” (OLIVEIRA, 2017, p. 62). Na opinião da aluna, ela deveria ter aprendido como redigir gêneros como resenha, esquema ou resumo antes de entrar para o curso de Letras, não sendo responsabilidade dos professores do curso ensiná-los. Por esse exemplo, verifica-se que alunos recém-chegados ao ambiente universitário podem se sentir culpados e na obrigação de aprenderem, por seus próprios meios, a produzir os textos acadêmicos, com o aprendizado se dando de forma autônoma, como se não houvesse a necessidade de ser ensinados a eles “gêneros específicos de determinada esfera” (OLIVEIRA, 2017, p. 62). Cabe aos professores mudarem essa percepção.

Michel Dabène e Yves Reuter (1998, p. 5 *apud* ASSIS, 2014, p. 803) tratam da visão equivocada de muitos sobre a universidade que, geralmente, não é entendida “como um lugar de situações específicas de ensino/aprendizagem: a imagem que prevalece é muito mais aquela de um espaço de transmissão de saberes, sem considerar as práticas”. A realidade nos alerta sobre o erro de se compreender saberes e ensino/aprendizagem como opostos, como se impossível fosse a existência de “saberes sobre o ensino/aprendizagem” (ASSIS, 2014, p. 803).

Dessa forma,

[...] torna-se mais coerente esperar e aceitar que os alunos universitários se familiarizem e aprendam a ler e a escrever os gêneros acadêmicos, sobretudo, na instituição e nas esferas do conhecimento em que são constituídos, portanto, quando se inserem nas práticas de escrita universitária. Consequentemente, parece necessário incluir esse conteúdo nos currículos e nas pesquisas (MARINHO, 2010, p. 366).

A inclusão de disciplina dedicada à leitura e à escrita, geralmente no primeiro ano, como observado atualmente em parcela significativa dos cursos de graduação das universidades brasileiras (ASSIS, 2014) é de fundamental importância para que os alunos possam ser apresentados aos gêneros que fazem parte das produções realizadas na academia, permitindo assim o desenvolvimento cognitivo na compreensão e produção de textos que, até então, para parte significativa do corpo discente recém-chegado, apresenta-se, como relatado anteriormente, um grande desafio.

Assim como não há de ser surpresa para o professor as dificuldades que os calouros apresentam no trato com os gêneros trabalhados na universidade, uma vez que esses não eram objetos de estudo no ensino médio, não se pode considerar iletrados esses mesmos alunos por não terem se inserido “nas práticas esperadas no contexto acadêmico” (JUCHUM, 2014, p. 111), já que “é possível ter um bom domínio da língua, mas ser *inexperiente* na atividade de

moldar os gêneros, de administrar a interação, a tomada de turnos, etc.” (MARINHO, 2010, p. 367).

De acordo com Juchum (2010, p. 111), “analisar e entender o que os alunos escrevem sobre suas escritas” é uma forma do professor “penetrar nessas práticas de escrita que estão em conflito com as práticas do letramento acadêmico no momento de entrada na universidade”. Faz parte do trabalho do professor, entre outros pontos, compreender o aluno, entender suas dificuldades, facilitar seu trajeto na academia, devendo, por outro lado, serem repreendidos comportamentos como os citados por Marildes Marinho (2010, p. 370), de situações observadas de “violência simbólica presente nessas relações acadêmicas de ensino-aprendizagem”, em que “representações que professores universitários fazem dos alunos e de suas relações com o texto acadêmico na sala de aula” beiram o escárnio, com doses fortes de cinismo e humilhação como se, aqueles que os fazem, fossem os detentores do conhecimento e ocupassem um lugar no Olimpo. Essas relações tensas podem refletir negativamente no desempenho dos calouros, com reflexos passíveis de ocorrer durante sua vida acadêmica, gerando um bloqueio quando se tratar de produção e de leitura de gêneros inerentes ao ambiente universitário.

Entendemos que o estranhamento demonstrado por parte de professores do ensino superior, frente às dificuldades relacionadas à leitura e à escrita de gêneros acadêmicos apresentadas por alguns alunos (MARINHO, 2010), não coaduna com a missão que deve permear o meio universitário, particularmente no que tange ao compromisso que se espera ser assumido pelo corpo docente.

Pelo exposto, observamos que quando o professor toma a posição de não restringir a sala de aula a um espaço simplista de transmissão de saberes, sem considerar as práticas de ensino/aprendizagem, mas, sim, em um local de formação e desenvolvimento de capacidades, de desenvolvimento do letramento-acadêmico ideológico, do pensamento crítico e de crescimento intelectual, levando-se em conta a bagagem que o aluno possui quando ingressa no ensino superior, ele cumpre seu papel de educador.

Dessa forma, a universidade, *locus* de compartilhamento de conhecimento e de produção científica, ao adotar políticas que têm como fim promover a compreensão e produção de textos acadêmico-científicos por parte de seus alunos, cumpre também seu papel na formação de cidadãos críticos.

### Referências

- ASSIS, Juliana Alves. Representações sobre os textos acadêmico-científicos: pistas para a didática da escrita na universidade. **Estudos Linguísticos**. São Paulo 2014, p. 801-815.
- DABÈNE, Michel; REUTER, Yves (Ed.). Pratiques de l'écrit et modes d'accès aux savoirs dans l'enseignement supérieur. **Lidil**, Grenoble: Université Stendhal, 1998.
- FISCHER, Adriana. Os usos da língua na construção de sujeitos letrados: relações entre a esfera escolar e a acadêmica. **Acta Scientiarum: Language and Culture**, v. 32, n. 2, 2010, p. 215-224.
- JUCHUM, Maristela. A escrita na universidade: uma reflexão com base no que os alunos dizem de seus textos. **Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, ano 13, n. 1, 2014, p. 107-129.
- MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, 2010, p. 363-386.
- OLIVEIRA, Eliane Feitosa. Letramento acadêmico: história de letramento e expectativas em torno das práticas de escrita do curso de Letras. **Línguas & Letras**, v. 18, n. 39, 2017, p. 46-65.
- PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. Docência na universidade ultrapassa a preparação para o mundo do trabalho. **Ensino Superior UNICAMP**, 28 jul. 2015.